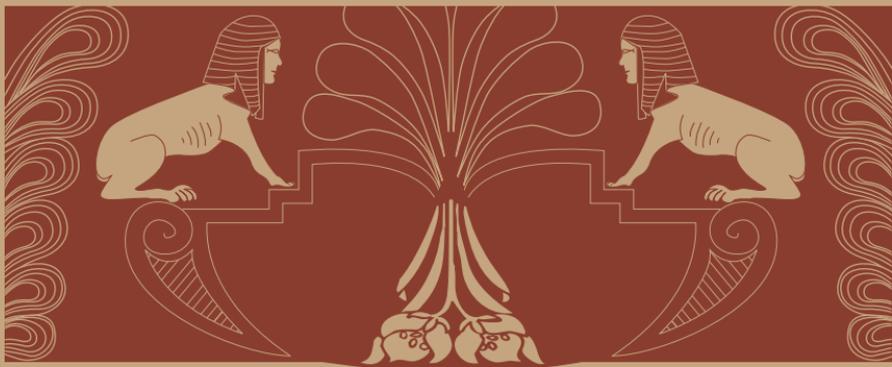


FRANCISCA JÚLIA DA SILVA
ESFINGES

Introdução, fixação do texto e notas

Maria da Penha Campos Fernandes



FRANCISCA JÚLIA DA SILVA
ESFINGES

FRANCISCA JÚLIA DA SILVA
ESFINGES

Introdução, fixação do texto e notas
Maria da Penha Campos Fernandes

Autor: Francisca Júlia da Silva

Título: Esfínges

Introdução, fixação do texto e notas: Maria da Penha Campos Fernandes

A ilustração, ao fim de cada poema, é de J. Prado, na edição de *Esfínges* (1920)

Coleção: Cruzeiro do Sul

ISBN da edição impressa: 978-989-656-265-6

ISBN da edição digital: 978-989-656-266-3

Depósito Legal: 368170/13

Data: 2013

Biblioteca Nacional de Portugal — Catalogação na Publicação

SILVA, Francisca Júlia da, 1871-1920

Esfínges. - (Cruzeiro do sul ; 4)

ISBN 978-972-656-265-6

CDU 821.134.3(81)-1"18/19"

Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil

Fundação Biblioteca Nacional



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL



EDICÕES **E**copy

Rua Actor Ferreira da Silva, 373/381

4200-301 Porto

edicoes.ecopy@macalfa.pt

www.edicoesecopy.pt

Impressão e acabamento: Publito, Braga.

INTRODUÇÃO

Francisca Júlia da Silva ou o desafio esfíngico da mulher-poeta

«começa a fulgurar em S. Paulo, com um resplendor que chama logo a atenção, uma poetisa, tão senhora do verso como os nossos melhores poetas. Ei-la construindo alexandrinos másculos, de um cinzelamento perfeito» (Frota Pessoa, «Escritores contemporâneos», in *Paiz*, 26 de janeiro de 1901; Francisca Júlia, 1920: XLIV).

«Esse poeta, que é uma mulher, fulge, sobre a sociedade em que vive, com um brilho de estrela longínqua, solitária e despercebida» (Vicente de Carvalho, «Uma carta ao Sr. Manuel Carlos», in *A Cigarra*, 01 de julho de 1919; Francisca Júlia, 1920: XVI).

1. Sobre o sexo dos seus versos

Na travessia do século XIX para o XX, ao cruzar-se a condição de mulher com a de poeta admirado por seus pares pela qualidade dos versos, e por isso mesmo etiquetados de «másculos», encontramos a encantadora Francisca Júlia, a suscitar de início uma grande onda de estupefação crítica nos varões letrados. E depois: a retração social desta distinta figura feminina contemporânea da fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), onde não se aceitavam mulheres e onde, já em 1930, houve quem registasse que o termo *brasileiros* no *art. 2.º* dos respectivos *Estatutos* restringia-se aos brasileiros «machos». E sobre a poesia desta mulher, um pouco mais que o silêncio ou alguma pressa nas Histórias da Literatura Brasileira entronizadas pelo cânone escolar na última centúria.

Ao buscar-se uma aproximação ao universo de Francisca Júlia, verifica-se que a sua condição de mulher-poeta é dominante: seja pela imposição de silêncios ao conhecimento seguro da sua biografia, seja porque a discreta subjetividade que densifica a sua poesia, parecendo silenciar a mulher, não se reduz à reação antirromântica consubstanciada na exigência parnasiana de impassibilidade

autoral, mas abriga-se em configurações simbólicas de outro calibre, a desafiar ainda hoje o esforço dos intérpretes.

Sobre a primeira questão, um acurado investigador da vida e da obra de Francisca Júlia atribui à sua condição feminina a escassez dos dados biográficos: «Contribuiu para isso o fato de ter sido mulher — cuja vida pareceria indelicado investigar muito, segundo os preconceitos da época, ainda mais quando se tratasse, como no caso, de figura excepcionalmente recatada e cercada de admiração e respeito» (Péricles Eugênio da Silva Ramos, «Introdução», in Francisca Júlia, 1961: 5).

Sobre a questão do silenciamento-encobrimento da subjetividade no corpo da própria poesia, vale a pena resgatar o poema que tem sido apontado como o primeiro publicado por esta autora, dias após completar vinte anos de idade:

Foi um rico painel. Traço por traço,
Nele notava-se a paixão do artista.
Via-se, ao fundo, a tortuosa crista
De altas montanhas a beijar o espaço.

No centro, um rio, a distender o braço.
Selvas banhava em triunfal conquista.
Ao longo, dois amantes, pela lista
De um carreiro, seguiam, passo a passo,

Foi um rico painel. Uma obra finda
A primor, que, apesar de velha, ainda
Conserva das cores a frescura.

Hoje, porém, não é como era dantes:
Pois no ponto onde estavam os amantes,
Existe apenas uma nódoa escura.

(«Quadro incompleto», in *Estado de S. Paulo*, 06-09-1891;
Mármore, 1895: 89-90)

A propósito do seu primeiro poema publicado, a autora, numa carta de 09-04-1894 ao amigo Max Fleuiss (1915: 63-65), conta que Severiano de Rezende, que nem era muito bom poeta, aconselhou-a num artigo da imprensa a não mais versejar, escrevendo: «Minha senhora, há ocupações mais úteis: dedique-se aos trabalhos de agulha».

O «Quadro incompleto», o XIV.º poema na secção «Ballada» do seu primeiro livro, *Mármares* (1895), poderá não ter agradado a todos, mas tratar-se-á de um soneto sem qualidades poéticas, in-consequente, meramente descritivo e narrativo, sem qualquer peso simbólico? O título será pouco rigoroso porque «o quadro já fora completo», tal como observa Péricles E. S. Ramos (*in* Francisca Júlia, 1961: 166)? Acentue-se a especial relação intertextual que este soneto mantém com outro poema, este em cinco quartetos de feição romântica, que também sofreu uma tentativa de silenciamento de tipo diverso, uma vez que nunca foi recolhido em livro organizado pela autora:

«Pelo meu rosto o ardente pranto rola
Se do negro passado, o quadro aberto,
De névoas e de lágrimas coberto
Ao meu saudoso olhar se desenrola.

.....

Da minha vida o flórido caminho
Era alfanado de rosas outrora;
Por eles não passavam como agora
Passam implumes pássaros sem ninho.

.....

As esperanças são como as espumas
Pelo vento do bosque arrebatadas;
E, quando as olho, vejo-as embrumadas,
Como os outeiros através as brumas.

(«Através», in *O Estado de S. Paulo*, 07-02-1892; Milton de Godoy Campos, «Poemas esquecidos de Francisca Júlia», in *Correio Paulistano*, 31-01-1960; Francisca Júlia, 1961:175-176)

Aqui as névoas, as lágrimas e as brumas empanam a visão do «quadro aberto» do passado e dos outeiros, filtrando-a, sem a coibir por completo. Ali a «nódoa escura» é uma rasura mais ostensiva, a provocar uma surpreendente intensidade na chave-de-ouro do «Quadro incompleto», soneto que tornou legível a pintura de uma paisagem que se arrisca a lembrar um *locus amoenus*, sem o ser. A «nódoa escura» é o traço disfórico da esperança de amor não cumprida ou da imperfeição do mundo expectado, é uma metáfora visual, sinestésica, do silêncio sobre este assunto.

A «nódoa escura» avulta. É uma metáfora muito expressiva do silêncio, que é um vetor extremamente significativo no universo poético e biográfico de Francisca Júlia, do qual o «Quadro incompleto» pode ser visto como uma alegoria fundamental: uma alegoria da incompletude do universo artístico face à vida ou do que neste há de silenciamento da subjetividade autoral: uma alegoria dos limites ostensivos do nosso conhecimento sobre a poetisa e a sua obra, a qual é selada por um tipo de *fingimento poético* que dá pelo nome de «impassibilidade». Sem impedir, no entanto, que a mulher-poeta se deixe entrever através de um painel de símbolos, que, a modo de brumas ou de nódoa agressiva, acarretam uma consciência mais vívida da incompletude da nossa visão: seja como na sugestiva alegoria pictórico-narrativa que é o «Quadro incompleto», seja como no alto-relevo cinético que é o soneto «Dança das centauros», e não dos centauros, — dois exemplares poéticos exponenciais de Francisca Júlia.